

## **ESTUDOS DO TEXTO, MULTIMODALIDADE E ARGUMENTAÇÃO: PERSPECTIVAS.**

**Vanda Maria Elias**

vanda.elias@gmail.com

**RESUMO:** Neste capítulo, objetivo analisar a multimodalidade e sua função na organização e argumentação do texto. O trabalho encontra-se dividido em duas partes: a primeira destina-se à concepção de texto, argumentação e multimodalidade e à discussão de como, nos estudos do texto na perspectiva sociocognitiva e interacional, pesquisadores vêm considerando a noção de multimodalidade; a segunda volta-se para a análise, a título de exemplificação, de recursos multimodais e seu papel na organização e argumentação do texto. A conclusão evidencia o uso de elementos gráficos (tamanho, estilo, cor ou fonte) associado ao de elementos espaciais (reco, entrelinha ou posição na página) no modo de organização do texto e na marcação dos tópicos que o compõem, recursos multimodais que, à sua maneira, assumem importante papel na orientação argumentativa.

**Palavras-chave:** multimodalidade; argumentação; texto

### **INTRODUÇÃO**

Os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes, mas uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente. Isso significa dizer que as operações não se dão apenas na mente dos indivíduos, mas são o resultado da interação de várias ações conjuntas por eles praticadas (Koch, 2014). Em decorrência disso, o conhecimento é um produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual, razão pela qual a cognição passa a ser vista como uma construção social, como um fenômeno situado, preconiza Marcuschi (2007).

Nessa perspectiva sociocognitiva e interacional, o texto é pensado como uma construção que envolve conhecimentos da língua; das coisas do mundo e de como funcionam; dos sujeitos, suas intenções e da sociedade em que vivem; dos modelos

mentais resultantes de experiências, vivências e práticas interacionais. Concebido, assim, como uma *entidade multifacetada*, a materialidade linguística é apenas a parte “visível” do texto, aquela da qual partimos para produzir sentidos, exigindo atenção ao que nele se encontra implícito, porque se pressupõe como conhecimento compartilhado pelos sujeitos envolvidos na interação.

Entender **o texto** como uma “entidade multifacetada” só é possível quando consideramos que a linguagem é uma forma de interação e, como tal, seu uso é regido pela intenção, apontando para relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor etc. Entendida não como realidade psicológica, mas, sim, num sentido puramente linguístico, a intenção é determinada pelo sentido do enunciado, isto é, ela se deixa representar de determinada forma no enunciado, sendo, pois, linguisticamente constituída.

Como pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões com exclusão de outras, o uso da linguagem é essencialmente argumentativo.

**Argumentar** é a atividade discursiva de influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, considerando, no entanto, que o aspecto argumentativo de um discurso encontra-se frequentemente no que está implícito, explica-nos Charaudeau (2008).

Assim, argumentar pressupõe **intencionalidade** e **aceitabilidade**, ou seja, de um lado, há aquele que constrói argumentos para influenciar o interlocutor e conseguir seu intento; e de outro lado, aquele que é alvo desse processo, o interlocutor, e que tem a liberdade de considerar ou não a validade dos argumentos, de aceitar ou não a tese defendida, numa postura que em nada remete à ideia de passividade.

Isso significa dizer, com base em Meyer (2008), que toda argumentação é diálogo, porque envolve sujeitos, seus conhecimentos e formas de compreensão da realidade; porque pressupõe liberdade de pensar e expressar o pensamento. Daí não ser suficiente apenas justificar uma tese, mas também considerar a existência de teses contrárias que podem ser evocadas, citadas, refutadas ou em relação às quais podemos fazer alguma concessão.

Na argumentação, queremos e buscamos a adesão do nosso interlocutor mas sem cancelar o diálogo, a subjetividade, atitude que requer sempre atenção e respeito ao outro e às suas razões, às diferenças que são próprias entre os indivíduos. Como ser dotado de razão e de vontade, o homem constantemente avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. E, por meio do que diz (na fala ou na escrita), tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe de suas opiniões. Por essa razão, o ato de argumentar, isto é, de orientar o que se diz para determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental. (Koch,1987; Koch & Elias, 2016)

Sobre a **argumentação**, Van Dijk (2012: 268) afirma que

crucial para o argumentar não é apenas a relação “psico-lógica” de inferência ou raciocínio assumida entre as premissas e a conclusão, que pressupõe modelos mentais, representações sociais e conhecimento sociocultural geral. Antes, a argumentação envolve fundamentalmente uma relação entre falantes e receptores reais ou imaginados, a saber, proponentes e opositores, respectivamente. Isto é, a argumentação é acerca de posições assumidas pelos participantes, acerca de intenções e crenças dos usuários da língua e acerca de relações entre participantes, e tem, por isso mesmo, uma base contextual.

Assim sendo, é necessário definir **o contexto** e fazê-lo em termos de um modelo mental dinâmico, ou seja, levando em conta como os falantes se representam a si próprios e aos outros participantes, bem como as outras dimensões relevantes do evento comunicativo.

Numa teoria geral das relações texto-contexto, postula o autor a necessidade de serem estudadas as estruturas visuais: o layout da página, o tamanho, o tipo e a cor das letras, o uso de manchetes, títulos, subtítulos, legendas, tabelas, figuras, tiras, desenhos, fotos, sequências de imagens, filmes etc., como elementos constitutivos do discurso.

Com base nessas considerações sobre **texto, contexto e argumentação**, numa perspectiva sociocognitiva e interacional, assumo como pressupostos:

1. O texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas, “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”, como define Marcuschi, 2007);
2. Argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva, haja vista que, por exemplo, na imprensa escrita, a notícia é apresentada segundo critérios determinados de construção do espaço redacional e icônico que seria correspondente

ao grau de importância que se atribui a ela: a localização (na primeira página ou numa página interna, no alto ou no fim da página, com pré-título, título ou subtítulo); a tipografia (dimensão e corpo dos caracteres de impressão no conjunto dos títulos), como sintetiza Charaudeau (2006);

3. A textualidade da escrita envolve mais de um modo semiótico, considerando que a organização do sistema linguístico contém convenções visuais que funcionam como pistas retóricas, segundo Dionísio e Vasconcelos (2013);

4. Recursos visuais como variação tipográfica e cromática são de importância para a organização textual e assumem papel argumentativo, de acordo com Pinto (2010).

Neste capítulo, o objetivo é analisar o papel dos elementos multimodais na organização e argumentação do texto. Com esse propósito, foi selecionada uma matéria do jornal a título de exemplificação.

O trabalho encontra-se dividido em duas seções: a primeira dedica-se à concepção de multimodalidade e de como estudiosos do texto vêm considerando essa noção em suas análises textuais, tendo como base a concepção de texto e de argumentação apresentada na introdução; a segunda volta-se para uma exemplificação de como recursos multimodais contribuem para a organização e argumentação do texto.

## **1. TEXTO E MULTIMODALIDADE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A **multimodalidade** pode ser definida como a coocorrência de vários modos de linguagem (semioses), que se integram na construção de significados em interações sociais, segundo estudos realizados por Kress e van Leeuwen (1996); Kress, Leite-García e van Leeuwen (2008) e Kress (2010). Para os estudiosos, a multimodalidade é inerente a toda manifestação linguística.

Em relevo nos atuais estudos do texto, a multimodalidade é traço constitutivo da história da escrita. Cavallo & Chartier (1998) pontuam que, com o códice, houve a reunião, em um só suporte (livro), de uma série de unidades textuais que fez surgir a criação de dispositivos editoriais para marcar distribuições, no interior de um escrito, ou para separar, com clareza, os textos. Nesse sentido, sequências curtas visualizadas por meio de alguns dispositivos como aumento de letras iniciais, disposição de letras

iniciais "fora do campo", parágrafos com início fora do alinhamento ou com reentrâncias, permitiam ao leitor a volta, a cada momento, a passagens já lidas.

Ainda segundo os estudiosos, essa exigência distributiva implicava a caracterização de escritos peculiares diferentes do texto na tipologia e módulo, com elementos decorativos ou reforçados por toques cromáticos, usados em títulos iniciais ou finais, para marcar a separação de textos.

Com a invenção da imprensa, o trabalho dos impressores foi se distanciando da fidelidade às convenções dos escribas, para servir à conveniência do leitor. Enquanto os escribas eram orientados pela aparência superficial do texto, traçando letras espaçadas em padrão simétrico e agradável, os impressores, levados pelo caráter comercial do novo modo de produzir livros, começaram a fazer suas experiências com uso de tipos graduáveis, títulos de páginas, notas de rodapé, índices, cabeçalhos ilustrados, referências cruzadas, bem como imagens, mapas e diagramas idênticos, que podiam ser vistos por leitores em diferentes tempos e lugares, conforme estudos de Eisenstein (1998).

Assim, se a interface da escrita, inicialmente, constituía-se de dispositivos de separação de textos e subdivisão do texto, que eram menos sinais específicos e mais ornamentação quanto ao relevo cromático de iniciais, escritas diferenciadas e decorações, posteriormente, a interface da escrita haveria de evoluir para um sistema de técnicas auxiliares de leitura e de consulta composto por dispositivos, tais como rubrica, sinais de parágrafos, títulos de capítulos, separação entre texto e comentário, sumários, índices e listas analíticas em ordem alfabética destinadas a possibilitar, ao leitor, a identificação rápida de passagens do texto.

Em se tratando da interface da escrita impressa, a numeração de folhas, colunas e linhas; a visibilidade de divisões de páginas (uso de iniciais enfeitadas, rubricas e letras marginais); a instituição de uma relação analítica e não só espacial entre texto e glosas; a marcação pela diferença dos caracteres ou da cor das tintas da distinção entre o texto comentado e seus comentários, todos esses traços propiciaram uma melhor interação entre textos, imagens e gráficos constitutivos do texto e, principalmente, entre texto e leitor, conforme assinalam Cavallo & Chartier (1998).

Dessa passagem da história da escrita aos tempos atuais marcados por constantes inovações tecnológicas nos diz Lupton (2006), uma das mais renomadas autoras e educadoras na área de design dos Estados Unidos, que organizar letras em uma página – ou tela em branco - é um desafio: Que fonte usar? De que tamanho?

Como essas letras, palavras e parágrafos devem ser alinhados, espcados, ordenados, conformados ou mesmo manipulados?

A autora escreveu em 2006 o livro *Pensar com tipos*: um guia para designers, escritores, editores e estudantes, traduzido aqui no Brasil pela Cosac Naify, e explica que decidiu fazer o livro porque não havia nenhum texto adequado para acompanhar o seu próprio curso de tipografia no Maryland Institute College of Art em Baltimore desde 1997. Trata-se de um livro relevante para vários meios de comunicação visual, da página impressa à tela, que se desenvolve com base na noção de tipografia como “uma ferramenta com a qual o conteúdo ganha forma, a linguagem ganha um corpo físico e as mensagens ganham um fluxo social” (Lupton, 2006: 8).

Usamos a língua para a concretização de nossos propósitos comunicativos na forma de textos, e essa atividade pressupõe uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas, como dissemos antes. Situando-nos em relação à produção escrita, tomamos decisões referentes ao que escrever, para quem e como promover a seleção e encadeamento das ideias no desenvolvimento de nosso projeto de dizer, bem como decisões relacionadas ao meio de produção e circulação do texto, modo de configuração do ponto de vista da distribuição das informações, tamanho e tipo de letra, espaçamento, uso de cores, desenhos, imagens, gráficos etc. Em outras palavras, os procedimentos de decisão, seleção e combinação na constituição do texto envolvem não apenas elementos linguísticos, como também elementos não linguísticos, numa integração de vários modos de linguagem.

Podemos observar a imbricação do verbal e não verbal na constituição do texto que nos serve de exemplo:



**Fonte:** Folha de S. Paulo Caderno Negócios, Empregos e Carreiras 23-8-2015

No tocante à produção do texto, levando em conta o suporte, o propósito comunicativo e o público leitor, notamos como ocorreram estrategicamente: i) as escolhas linguísticas na composição do título de forma intertextual e na sua relação com o subtítulo (ou linha fina), para complementar e instigar a leitura; ii) as escolhas não linguísticas como título com variação no tamanho das letras e em negrito na palavra que funciona como link, sugerindo a conectividade com o subtítulo e, conseqüentemente, com a matéria; subtítulo composto com letras em corpo menor, se comparado ao título, e negrito em algumas palavras ou expressões, numa indicação da conectividade deste segmento textual com o título e desses dois com a imagem à esquerda.

Essa simples exemplificação revela-nos a complexidade das operações envolvidas na constituição do texto cuja configuração no suporte em questão solicita a inter-relação entre o uso de elementos linguísticos e outros responsáveis pela distribuição espacial desses elementos e conseqüente visualização que imprimem ao texto, funcionando esses dispositivos como pistas que orientam o leitor para o modo de organização textual, a intencionalidade do autor e a argumentatividade.

Desse modo, não basta apenas a identificação dos elementos do gênero textual (tema, título, subtítulo etc), do meio de veiculação, da intertextualidade implícita. É preciso considerar tudo isso e mais todos os outros aspectos que compõem graficamente, tipograficamente, visualmente o projeto de dizer.

No campo atual dos estudos do texto, a noção de multimodalidade se faz presente em análises e discussões propostas, ora se fazendo notar pelo uso de alguns de seus elementos com a finalidade de apontar para outros fenômenos que se constituem como foco e objetivo da análise, ora a multimodalidade se constitui como uma categoria de análise e foco da investigação.

Em relação ao primeiro grupo, podemos citar a título de exemplificação estudos sobre a intertextualidade e as marcas tipográficas que servem para identificar o fenômeno.

Koch e Elias (2006; 2009), ao tratar de estratégias de leitura e de produção textual, recorrem a vários gêneros textuais (tirinhas, charges, anúncios etc.) cuja constituição envolve hibridamente o verbal e o visual. Ao discutirem especificamente modos de constituição da intertextualidade, afirmam as autoras que o produtor estrategicamente pode usar recursos tipográficos para sinalizar ao leitor a “presença”

do intertexto como, por exemplo, o uso de aspas e outros dispositivos como notas musicais, marcando também, por meio desses expedientes, a sua intencionalidade.

No estudo sobre a intertextualidade realizado por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), defendem as autoras que há um tipo de relação intertextual que representa uma presença explícita de um texto em outro e que esse é o tipo que comumente costuma vir assinalado por sinais tipográficos, tais como aspas, negrito ou itálico. Essas marcas servem para orientar o interlocutor a reconhecer a divisão de vozes, a alteridade, a presença do outro no texto.

Também em um outro estudo sobre a intertextualidade, afirmam Cavalcante, Forte e Brito (2014: 107-8) que as marcas tipográficas na citação compõem uma das categorias utilizadas para avaliação da presença de um texto em outro, ou seja, do grau de explicitude da intertextualidade. Para as autoras, a relação de explicitude/implicitude varia num *continuum*: haverá mais explicitude quanto mais marcas tipográficas evidenciarem no cotexto a inserção de outro texto.

Já em se tratando dos estudos do texto que instituem a multimodalidade como objeto de análise pelo seu caráter constitutivo do texto, podemos citar o de Ramos (2009, 2011). Souza Jr. (2012), Custódio Filho (2011) e Pinto (2010).

Ramos (2009, 2011) investiga a presença de diferentes signos (verbais e visuais) na produção do sentido e, com esse propósito, elege como objeto de estudo quadrinhos e tiras cômicas. A integração entre verbal e não verbal vem sendo discutida pelo autor que, ao descrever estratégias textuais de construção de sentido nesse tipo de produção, salienta a função de objetos de discurso visuais em processos coesivos, atribuindo aos recursos não verbais o mesmo *status* dado às expressões nominais na introdução e transformação de referentes.

Também com o olhar voltado para a tira cômica, Souza Jr. (2012) parte da hipótese de que, nesse gênero textual, a constituição de referentes se dá, sociocognitivamente, na e pela imbricação palavra/imagem, e, nesse sentido, diferentes modalidades de linguagem constitutivas desse gênero, tais como palavra, imagem, linhas de contorno, tipo de fonte e ângulos de visão coatuam nesse processo, servindo-lhe de âncora. O autor analisa de que forma processos referenciais, na assunção de elementos verbais e não verbais, contribuem para a construção de efeitos de humor em tiras cômicas.

Com o objetivo de analisar o papel das imagens na construção da referência, Custódio Filho (2011) parte da hipótese de que os recursos imagéticos de um texto



também são responsáveis pela instauração de um referente, bem como por eventuais recategorizações desse referente. Considerando a multimodalidade como parte da materialidade manifesta no cotexto, ou seja, na superfície textual, defende o estudioso que quando, por exemplo, assistimos a um filme ou a um seriado de televisão, reconhecemos como texto o conjunto da obra. Em outras palavras, não entendemos como elementos separados as falas dos personagens e a imagem dos personagens durante as falas, ou a organização do cenário como elemento secundário para a produção dos sentidos, como se esses recursos fossem complementares ao texto propriamente dito. Assim sendo, todos esses elementos integrados na materialidade são constitutivos do (co)texto e, como tal, contribuem para a produção de sentidos, conclui o autor.

Na análise de gêneros textuais das esferas política, jurídica e jornalística, Pinto (2010) defende que elementos não verbais como a cor pode isolar o argumento da tese, segmentando o texto em duas partes com funções argumentativas distintas: de um lado, o argumento e, de outro, a tese representada. Em outras palavras, a autora postula que outros modos semióticos (cores, tipografia) podem funcionar como organizadores textuais por delimitarem partes do texto.

Esses estudos vêm indicando a ampliação na análise e compreensão dos processos textuais, bem como vêm impondo novos desafios teórico-metodológicos aos pesquisadores, quando se considera a integração de linguagens distintas no processamento textual e, de modo particular, na orientação argumentativa que se deseja imprimir ao texto.

## **1. MULTIMODALIDADE, ORGANIZAÇÃO TEXTUAL E ARGUMENTAÇÃO: UMA ANÁLISE**

Com o propósito de analisar, na organização e argumentação do texto, o papel dos elementos multimodais que lhe são constitutivos, foi selecionada a reportagem extraída da versão impressa do jornal *Folha de S. Paulo*. Para a análise pretendida, será apresentada apenas uma parte do texto. A versão completa pode ser facilmente encontrada no site da *Folha*.

### **OS 10 PROBLEMAS**

#### **Dá para fazer de São Paulo um lugar melhor**

*Especialistas analisam dez obstáculos que afetam a metrópole e dão dicas de como resolvê-los*

Numa cidade tão grande e complexa como São Paulo, entra ano, passa ano, e os problemas parecem nunca ter fim.

Apontá-los dá sempre a impressão de ser um projeto já feito à exaustão e, paradoxalmente, infinito.

No dia em que a maior cidade da América do Sul comemora 459 anos, especialistas se debruçam mais uma vez sobre dez importantes problemas que afetam a cidade e indicam o que pode ser feito para tentar melhorá-la.

### **1- CULTURA**

#### **YACOFF SARKOVAS, 58, CEO da empresa de consultoria Edelman Significa**

Em minha opinião, o problema mais grave e estratégico é o desequilíbrio de aparelhos e ofertas culturais entre as regiões da cidade. Há poucas áreas com alta concentração de teatros, cinemas, museus, galerias e centros culturais e muitas e vastas regiões com ausência de oferta cultural. Pontual e minimamente, os CEUs e o Sesc amenizam esse quadro, mas ainda são gotas d'água no deserto.

### **2- EDUCAÇÃO**

#### **MARIO SERGIO CORTELLA, 58, doutor em educação pela PUC-SP e secretário municipal de educação entre 1991-1992**

Um dos principais problemas do setor é a falta da implementação do já existente Plano Municipal de Educação. Ele é uma importante ferramenta para revigorar a qualidade de ensino na capital paulista. O plano prevê, por exemplo, que o governo municipal possa usar acréscimo aos recursos próprios advindos de parcerias com as administrações estadual e federal. Os objetivos desse trabalho devem ser: estender o número de horas discentes e docentes na escola, promover formação permanente dos profissionais e estimular a participação da comunidade escolar.

### **3- ENCHENTES**

#### **ALUÍSIO CANHOLI, 60, doutor em engenharia hidráulica pela USP**

A ocupação desordenada de áreas alagáveis, principalmente a partir dos anos 1970, é a vilã das enchentes, mais que a impermeabilização do solo. Mas as consequências desse avanço sobre as margens - que escondeu córregos e rios em galerias- estão sendo combatidas de forma correta. Os projetos de drenagem em andamento preveem, por exemplo, a construção de piscinões e parques lineares. Não faltam tecnologias para resolver o problema, mas elas demandam uma soma de recursos elevada. Se tudo for feito como está previsto, os riscos de enchentes serão reduzidos a níveis aceitáveis em 15 a 20 anos.

#### **4- FINANÇAS**

##### **RAUL VELLOSO, 67, consultor econômico e especialista em contas públicas**

O grande drama de São Paulo é o endividamento. A relação dívida/receita do município é uma das maiores do Brasil, já beirando os 13% do orçamento. Isso deixa a prefeitura estrangulada financeiramente, sem sobra para manobras. Ela acaba tendo que viver em boa medida pelo que arrecada, e recorrendo a recursos como incentivos fiscais. A dívida alta, com juros muito elevados, é resultado dos desmandos do passado. Em primeiro lugar, é preciso renegociar urgentemente as taxas de juros com a União, que é o maior credor. E, para isso, é necessário alterar a Lei de Responsabilidade Fiscal, que é algo que a União se dispôs a encaminhar. Como é a maior -e a mais importante- cidade do Brasil, São Paulo não pode quebrar.

#### **5- HABITAÇÃO**

##### **JOÃO SETTE WHITAKER, 46, arquiteto, docente da USP e do Mackenzie e coordenador do Laboratório de Habitação da FAU-USP**

São Paulo tem 35% da população vivendo na precariedade, em favelas, loteamentos irregulares e cortiços, ou mesmo na rua. A política habitacional deve apresentar soluções criativas. Mas faltam terras disponíveis, sobretudo na cidade "que funciona". Sem acesso a ela, pobres são condenados ao exílio nas periferias. Por causa da escassez de área para construir, a urbanização de favelas e loteamentos tem de ser prioritária. Prédios e cortiços abandonados têm de ser reocupados. Isso significa enfrentar interesses poderosos. Superar os obstáculos para garantir a diversidade social demanda ações incisivas, que trariam desgaste político, mas mudariam a cara da cidade. (...)

**Fonte:** MACHADO, Cassiano Elek; CAPRIGLIONE, Laura; KACHANI, Morris. "Dá para fazer de São Paulo um lugar melhor". *Folha de S. Paulo*, 25 jan. 2013. Especial.

No texto, a defesa da tese de que **dá para fazer de São Paulo um lugar melhor** pressupõe resposta a duas perguntas: 1.Quais os problemas de S. Paulo? 2.Que soluções podem ser apresentadas para esses problemas?

A solução é o foco da argumentação, mas, como não dá para apontar soluções sem tratar de problemas, do ponto de vista organizacional, dois quadros tópicos orientam o desenvolvimento do texto: **problemas (setores com problemas)** e **soluções** sugeridas por autoridades, que pode ser assim representado:

São Paulo	
Problemas	Soluções
<b>Cultura</b>	Pontual e minimamente, os CEUs e o Sesc amenizam esse quadro, mas ainda são gotas d'água no deserto.
<b>Educação</b>	Estender o número de horas discentes e docentes na escola, promover formação permanente dos profissionais e estimular a participação da comunidade escolar.
<b>Enchentes</b>	Os projetos de drenagem em andamento preveem, por exemplo, a construção de piscinões e parques lineares. Não faltam tecnologias para resolver o problema, mas elas demandam uma soma de recursos elevada. Se tudo for feito como está previsto, os riscos de enchentes serão reduzidos a níveis aceitáveis em 15 a 20 anos.
<b>Finanças</b>	É preciso renegociar urgentemente as taxas de juros com a União, que é o maior credor. E, para isso, é necessário alterar a Lei de Responsabilidade Fiscal, que é algo que a União se dispôs a encaminhar.
<b>Habitação</b>	A urbanização de favelas e loteamentos tem de ser prioritária. Prédios e cortiços abandonados têm de ser reocupados. Isso significa enfrentar interesses poderosos. Superar os obstáculos para garantir a diversidade social demanda ações incisivas, que trariam desgaste político, mas mudariam a cara da cidade.
<b>Lixo</b>	A solução é aumentar a reciclagem. Enterrar lixo é enterrar dinheiro. Hoje, 60% do lixo residencial é orgânico deveria virar adubo. E os 40% restantes, a sucata, poderiam ser comprados pela indústria. Com isso, daria para reduzir as áreas dos aterros e os gastos com transporte sem falar nas vantagens adicionais de preservação ambiental e geração de empregos.
<b>Saúde</b>	A abertura de hospitais e centros de diagnóstico é necessária. Mas, acima de tudo, é preciso organizar os fluxos, integrar a rede e combater a má administração das unidades e o desvio de usos da tecnologia.
<b>Transporte</b>	Retirar os táxis dos corredores - são uma minoria e atrapalham todo o sistema. Em seguida, oferecer um serviço semelhante a um metrô sobre rodas. Menos linhas, com alta frequência: um ônibus por minuto. Esse modelo dá certo em Curitiba. [...]
<b>Urbanismo</b>	A discussão em torno do futuro do centro é emblemática. Todos concordam que ele merece ser reocupado - uns, por meio do enobrecimento, com moradias valorizadas e opções de consumo; outros, por meio da instalação de uma comunidade heterogênea e multiclassista. Essa definição será decisiva sobre o tipo de cidade que teremos. [...]
<b>Violência</b>	É necessário implementar programas de prevenção, com base em experiências internacionais. Ensinando os pais, por exemplo, a disciplinar os filhos sem violência. Falta tradição no Brasil de se trabalhar em uma perspectiva de longo prazo. [...]

Como observamos, do ponto de vista organizacional e da progressão do texto chama a nossa atenção ao tópico (Os 10 problemas de São Paulo) e a sua subdivisão – problemas relacionados à cultura, educação etc. A conectividade proposta entre os tópicos é marcada pela padronização tipográfica (mesmo tipo e tamanho de letra,

mesma cor), numa espécie de um paralelismo sintático constituído também visualmente, que pode assumir funções como indicar para o leitor o modo de organização e progressão do texto, e orientar o processo de sumarização.

Além do antetítulo (*OS 10 PROBLEMAS*), fazem parte desse gênero textual do domínio jornalístico o título (***Dá para fazer de São Paulo um lugar melhor***) e o subtítulo (*Especialistas analisam dez obstáculos que afetam a metrópole e dão dicas de como resolvê-los*). No exemplo, este é diferenciado dos demais pela focalização nos especialistas que apresentam soluções para os problemas indicados nas áreas em que atuam e pelo itálico; aquele, que indica a posição defendida, por se apresentar em negrito.

No desenvolvimento do texto, notamos, no plano multimodal, a presença do negrito em sequências descritivas (Adam, 2008; Marquesi, 2004) compostas pelo nome do especialista em caixa alta e pela predicação, em mais uma demonstração de um paralelismo sintático também marcado visualmente pela cor. A conectividade entre o título em negrito – **Dá para fazer de São Paulo um lugar melhor** – e o negrito nas sequências descritivas aponta para a estratégia argumentativa eminentemente usada no texto: o recurso de autoridade. Justifica-se, assim, o uso do negrito e da caixa alta no nome dos especialistas nas 10 áreas citadas e do negrito nas predicações: quem aponta soluções são pessoas cujo conhecimento e experiência na área de atuação permitem fazê-lo.

Assim sendo, elementos gráficos (tamanho, estilo, cor ou fonte) associados aos espaciais (reco, entrelinha ou posição na página) contribuem para a especificação do problema, para a identificação e a descrição do especialista da área e para a solução apontada, assumindo funções como a de enfatizar dados e organizar o texto do ponto de vista das unidades semânticas que lhe são constitutivas. Todos esses elementos em integração com o verbal ajudam os leitores a localizarem-se no texto e a produzirem sentidos.

São, portanto, importantes sinalizadores do modo de organização do texto, dos tópicos que o compõem, de partes que merecem destaque no processo argumentativo e que foram configuradas de um determinado modo para orientar a leitura e a compreensão. Trata-se, por conseguinte, de recursos que, à sua maneira, funcionam como **orientadores argumentativos**.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceber o texto como objeto multimodal solicita o desenvolvimento de modelos de descrição e análise capazes de dar conta da integração de diferentes linguagens no quadro dos diversos sistemas de conhecimento dos sujeitos em situação de interação.

Neste capítulo, foram citados alguns estudos que, considerando o texto na complexidade de todos os elementos que envolvem a sua produção e compreensão, instituem a multimodalidade como uma categoria analítica e, assim, focalizam a diversidade e a multifuncionalidade dos elementos não verbais.

Sinalizar o modo de organização do texto, orientar argumentativamente em um dado sentido e revelar a intencionalidade do autor são, como observamos no gênero textual analisado, algumas das funções relacionadas, por exemplo, à escolha de fontes tipográficas, cores ou distribuição espacial das informações no texto. Desse modo, a argumentatividade não apenas se inscreve no uso da língua, mas também no modo como esse uso se configura em práticas comunicativas que requerem a mobilização de diferentes linguagens.

No mundo de constantes inovações tecnológicas em que vivemos, termos como *selfie*, ligados a essas tecnologias da mente e da experiência (Chatfield, 2012) incorporam-se à nossa vida e ganham a atenção de estudiosos da língua como a dos lexicógrafos incumbidos de escolher a palavra do ano para os dicionários de Oxford.

Em 2015, a novidade é que, pela primeira vez desde que essa prática foi instituída em 2004, não se escolheu um signo verbal como palavra do ano, mas um *emoji* (um daqueles pequenos ícones, símbolos ou variedades faciais usados nas comunicações por celular ou computador). No caso, foi escolhido o *emoji* que exprime alguém derramando lágrimas de tanto rir, por ter sido, dentre todos os outros, o mais utilizado pelos usuários, segundo editorial da Folha de S. Paulo publicado em 22 de novembro de 2015.

Fatos como esse são indicativos de novas perspectivas para os estudos do texto, que, longe de uma visão dicotômica, devem se voltar para a integração de diferentes linguagens e para a repercussão disso no plano do texto e de seus sentidos. Nesses tempos de “cultura de convergência” (Jenkins, 2009), em que textos migram facilmente de uma mídia para outra e trazem, nesse movimento, características da linguagem relacionadas ao suporte e ao modo de produção e consumo, emergem

práticas comunicativas cada vez mais complexas que põem em relevância, ao lado da multimodalidade, a noção de multiletramentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAM, Jean-Michel. *A linguística: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
2. CAVALCANTE, Mônica Magalhaes; FORTE, Jamile Sainne Malveira; BRITO, Mariza Angelica Paiva. As funções intertextuais nos quadrinhos. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CAPISTRANO JR., Rivaldo (Orgs.) *Quadrinhos sob diferentes olhares técnicos*. Vitória: PPGEL-UFES, 2014.
3. CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.) *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.
4. CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
5. \_\_\_\_\_. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
6. CHATFIELD, Tom. *Como viver na era digital*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
7. CUSTODIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. Tese de Doutorado – UFC, Fortaleza, 2011.
8. DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
9. EISENSTEIN, E. L. *A revolução da cultura impressa*. São Paulo: Ática, 1998.
10. JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
11. LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos*. Guia para designers, escritores, editores e estudantes. Trad. André Stolarski. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
12. KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.
13. \_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
14. \_\_\_\_\_.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
15. \_\_\_\_\_.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

16. \_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
17. \_\_\_\_\_; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
18. KRESS, Gunther. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.
19. \_\_\_\_\_; LEITE-GARCÍA, Regina; VAN LEEUWEN, Theo. Semiótica discursiva. In: VAN DIJK, Teun (Org.) *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 2008, p. 373-416.
20. \_\_\_\_\_; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.
21. MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
22. MARQUESI, Sueli Cristina. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
23. MEYER, Bernard. *A arte de argumentar*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
24. PINTO, Rosalice. *Como argumentar e persuadir*. Práticas: política, jurídica e jornalística. Lisboa: Quid Juris, 2010.
25. RAMOS, Paulo. *A leitura de quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
26. \_\_\_\_\_. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.
27. SOUZA JR, Rivaldo Capistrano de. *Referenciação e humor em tiras do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva*. Tese de Doutorado - PUC, São Paulo, 2012.
28. VAN DIJK, Teun A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

**ABSTRACT:** In the present chapter I intend to analyze multimodality and its function in a text's organization and argumentation. The work is divided in two parts: the first one is dedicated to the design of the text, argumentation and multimodality and the discussion of how, in the text studies on socio-cognitive and interactional perspective, researchers are considering the notion of multimodality; the second part focuses on the analysis, by way of example, multimodal resources and their role in organizing a text and its argumentation. The conclusion shows the use of graphic elements (size, style, color or font) associated with the spatial (indent, line spacing and position on the page) in organizing a text and highlighting of topic that compose it, multimodal resources which play an important role in the argumentative orientation.

**Keywords:** multimodality; argumentation; text.